

ALGUNS ENSINAMENTOS DE TRÊS ANOS DE GUERRA

(Colhido pelo Major-General STEPHEN O. FUQUA. U. S. A. Retired)
 Extratos pelo Coronel J. B. Magalhães da 1.^a Classe da Reserva

I

A guerra dura já três anos e ninguém pode predizer quando terminará. E' mesmo duvidoso que tenha atingido seu ponto culminante. A luta continua a espraia-se por todos os continentes. E' realmente uma guerra mundial.

No momento atual, a situação se define facilmente. O invasor ainda ocupa terras dos americanos, na Ásia. Na África, a batalha pelo seu domínio, parece aproximar-se de um termo final e pouco resta fazer, embora árduo. Na Europa, após quatro anos, a luta se localiza principalmente na frente russa, onde se enfrentam os maiores exércitos. No entanto, a O. há de fato, uma outra frente, pois que o que aí se passa é mais que uma *luta potencial*, em *estado latente*. Os germânicos ocupam as costas continentais face à Grã-Bretanha, as nações unidas opõem-se-lhes do outro lado da Mancha. Entre ambos, são *águas de ninguém*.

* * *

Enquanto se aguarda a decisão, ou, melhor, o resultado da luta na Rússia, e a abertura de uma outra frente de batalha importante, não é inútil recolher algumas lições da experiência destes três últimos anos.

Em primeiro lugar, assinalamos que a luta em terra, mar e ar, mostra a necessidade de um comando único, para cada teatro de operações. *Nada, do que é fundamental na guerra, mudou*. O que há de novo, diz respeito aos processos e métodos de execução. Estes, sim, variaram com o desenvolvimento do material.

Se não a maior, pelo menos — das maiores — lições desta guerra, é o *aumento do poder de ataque*. Os germânicos puseram em grande honra o princípio da violência do ataque. Hitler tem rompido a couraça defensiva do inimigo a golpes de *superioridade de meios e sem olhar perdas*. O Alto Comando Germânico estima que, as resultariam de uma ação prolongada, levada a efeito com meios relativamente menos importantes, seriam ainda mais pesadas. Além disso, o inimigo sofre mais e há ganho de tempo.

Enquanto, porém, se proclama, aos berros, o êxito da ofensiva, a defensiva na Rússia persiste. Poderá ser invocada, talvez no futuro, para justificar uma vitória estratégica...

Não se deve também esquecer, que foi a poderosa linha defensiva dos germânicos, da Ucrânia e Leningrado, que lhes permitiu a arrancada até o Cáucaso e o ataque a Stalingrado.

E' sem dúvida, um dos mais interessantes ensinamentos desta guerra, a rapidez com que os germânicos organizam *áreas defensivas*, no decorrer de sua progressão. Os pontos importantes são rapidamente fortificados e postos em segurança, pela constituição de *pontos fortes e centros de resistência, esquematizando uma defesa em profundidade*.

Os princípios da defesa guardam analogia com os do ataque. E' evidente o êxito dos nazis, repelindo os contra-ataques lançados contra os flancos de suas *pontas avançadas*.

A maior dificuldade no reabastecimento das tropas em combate, pelas grandes distâncias em que operam de suas bases, e a duração de suas ações, tornaram necessário que os *indivíduos e os pequenos grupos pudessem satisfazer-se a si mesmos*.

A infiltração obteve bons resultados como processo de ataque em alguns teatros de operações, notadamente com os japoneses na floresta malaia. Mas isso resultou evidentemente das condições favoráveis do terreno e *das traições dos quinta-colunistas*, previamente organizados no interior. Trata-se agora de *uma guerra de especialidades*, que exige aptidões individuais e unidades treinadas convenientemente organizadas para suas típicas missões: em terrenos montanhosos, florestas, desertos, terras árticas, operações anfíbias, etc. E' uma lição a não perder de vista.

Outro ensinamento, é o do emprego em *massa das forças aéreas como fator importante da luta, em terra e no mar*. Suas unidades têm que

ser treinadas em ações combinadas com as forças de terra e mar, separada ou conjuntamente.

No que diz respeito à artilharia, o ensinamento mais importante é a necessidade de uma peça mais movel e de maior calibre, adaptavel a vários terrenos e a certas missões. A artilharia tem um grande papel na luta contra-carros quando montada em veículo motorizado. Também ctem na batalha contra os inimigos do ar, para o que precisa dispôr de um aparelhamento técnico especial, afim de dificultar a ação dos bombardeiros.

Não obstante estarmos na era do motor, a cavalaria desempenhou um papel importante nas campanhas da Rússia e da China, bem como nos desertos da África. Nenhum exército moderno prescinde dela, organizada e equipada para a luta em vários tipos de terreno, em que é necessária.

Os paraquedistas e as tropas transportadas pelo ar foram aplicados para a captura de Creta. Seu emprego, porém, daí em diante, tornou-se muito restrito e não foi tão eficaz na Rússia. No entanto, pode-se admitir, venham elas a desempenhar importante papel em batalhas futuras.

Finalmente:

A experiência destes anos de guerra, mostra que nenhuma arma satisfaz por si mesma às *necessidades da destruição do inimigo* e que a ação final tem de ser conseguida pela infantaria, em conjugação com os esforços combinados de todas as armas.

A experiência do passado parece indicar que a batalha final desta guerra será decidida em terra, talvez num ponto e momento de menor significação. O fato, porém, encherá os olhos do mundo, porque marcará o fim das lutas pela vitória.

II

Os ensinamentos já assinalados são importantes, mas as lições desta guerra são tantas e tão variadas, que não convém perder tempo em repetir o que foi dito.

De todas, a mais evidente para nós, é agora, como foi no passado, a de que qualquer nação paga severamente sua falta de preparação. Os que negaram nossas necessidades militares ou concederam somente para

satisfazê-las recursos mínimos, durante as últimas décadas, precisam saber que os sucessos germânicos não são devidos *ao gênio dos condutores nazistas nem à fórmula da "blitzkrieg"*. Os êxitos resultaram da organização do treinamento e do material moderno, afirmam os próprios germânicos, os quais permitiram dar à guerra o *máximo de agressividade*. Daí a lenda da invencibilidade germânica.

O início e o prosseguimento da guerra pelo "Eixo" tornou clara a lição sobre o sentido da *guerra total*, a qual significa *apenas: impôr um partido sua vontade ao outro*. Resultará daí uma conduta inhumana da guerra mas poderá ser isso sempre justificado pela lei imperiosa das necessidades de ordem militar. Esta lei primária da própria conservação nacional, cobre a organização regular da violência, não só contra os inimigos, mas também contra os neutros. Não há limites para os interesses da guerra cujo conceito é somente: *destruição*.

A chamada "Quinta coluna" surgiu em Espanha, durante a guerra civil, porém a *idéia* é pre-histórica. Esta guerra pôs em foco sua importância como arma ofensiva, com o êxito dos alemães na Noruega, sua organização nas Américas e a ação dos japoneses no Extremo-Oriente.

A importância da *arma-propaganda* é tal, que os governos criaram para ela departamentos especiais e organizaram corpos de especialistas. Em campanha, atuam sobre a retaguarda inimiga para desmoralizá-lo. Os germânicos obtiveram com isso êxitos na Noruega, França e Líbia, informando-se sobre o que se passava e lançando, pelo rádio, falsas ordens às tropas inimigas em sua própria língua, para estabelecer a confusão.

Um outro ensinamento típico desta guerra, entende com a organização das tropas: é a *tendência para maior mobilidade dos comandos, dispondo da máxima potência de fogo*. No Exército Americano isso manifestou-se pela organização ternária da Divisão e pelo grande desenvolvimento das forças blindadas e regimentos de infantaria motorizada, com número muito maior de armas automáticas, *com uma potência de fogo quarenta vezes mais forte que a das antigas unidades*.

Flexibilidade no comando e simplicidade na transmissão de ordens; maior iniciativa dos comandos subordinados, constituem agora regra do combate.

Cada *unidade de comando*, tendo recebido previamente uma direção, *avança resolutamente* para seu objetivo e regula seu procedimento e ajuda seus vizinhos, conforme se lhe *desenha o panorama do combate*.

A campanha dos três últimos anos, mostrou ainda a facilidade com que os exércitos podem transpor os rios, quando possuem equipamento apropriado.

O inimigo não pode ser forte em toda parte e por isso, ordinariamente, fintas feitas em determinados pontos e cortinas de fumaça, são o bastante para ocultar o ponto verdadeiramente escolhido para a transposição eficaz do curso d'água.

O sucesso dos japoneses na Malaia; dos germânicos na França e na Rússia; a eficácia de suas ações através dos cursos d'água, em muitos teatros de operações, puseram em evidência as necessidades da instrução sobre este importante assunto, no treinamento geral das tropas de campanha.

Sob outro aspecto, o da defensiva, a grande lição de Hitler nestes três anos de guerra, é a elemental precaução: — *não subestimar o inimigo*. O prolongado sucesso da resistência russa está impedindo a política do *Führer* de bater seus adversários um a um. Daí resulta que ao iniciar o quarto ano de guerra, tem ele de manobrar numa posição central, fazendo frente ao mesmo tempo aos seus três grandes inimigos: Rússia, Grã-Bretanha e América, sobre três largas frentes separadas: Rússia, Egito, alhures na Europa Ocidental...

Nota — Vêr *Newsweek*, números de 7 e 14 de setembro.